

**Os memes contra a *phoné*:
imagem, conservadorismo e dessubjetivação na política
contemporânea brasileira¹**

**The memes against the phone: image, conservatism and desub-
jectivation in contemporary Brazilian politics**

Ana Suelen Tossige Gomes²
Andityas Soares de Moura Costa Matos³

«Tenho a impressão de que imaginas que o nosso trabalho
consiste principalmente em inventar novas palavras. Nada disso!
Estamos é destruindo palavras –às dezenas, às centenas, todos os dias. [...]–
É lindo, destruir palavras.»

Funcionário Syme – George Orwell, 1984.

Resumo: Os *memes*, fenômeno típico da cibercultura, ocupam cada vez mais os espaços virtuais de discussão e, com isso, vêm assumindo uma relevância peculiar no campo da política contemporânea. Tendo em vista essa nova forma de comunicação, buscamos refletir neste artigo sobre qual seria o lugar do *meme*, especialmente do *meme* político, na semiologia moderna de Saussure, questionando se ele poderia ser lido como signo. Buscamos também refletir acerca do funcionamento desse tipo de comunicação sob o ponto de vista do dispositivo, segundo as teorias de Foucault e Agamben, trazendo, sempre que possível, exemplos de *memes* políticos difundidos nos recentes processos políticos brasileiros. Por fim, em vias de conclusão, retomamos a questão que dá título ao presente artigo – os *memes* contra a *phoné* –, indicando o lugar da voz articulada no campo da ação política, e como ele se torna problemático diante da comunicação memética.

Palavras-chave: *Memes*, Semiologia, Dispositivo, Biopolítica.

¹ O presente texto foi produzido no contexto do Doutorado-Sanduiche da primeira autora junto à Scuola Normale Superiore di Pisa (Itália), com bolsa da CAPES, e do Projeto de Pesquisa *Desobediência civil e democracia: a participação cidadã não-violenta como estratégia de luta por direitos em contextos de exceção econômica permanente*, financiado pela FAPEMIG e coordenado pelo segundo autor.

² Mestre e Doutoranda em Direito pela UFMG. Bolsista CAPES. Autora do livro *O direito no estado de exceção efetivo* (Belo Horizonte, D'Plácido, 2017). E-mail: anatossige@gmail.com.

³ Graduado em Direito, Mestre em Filosofia do Direito, Doutor em Direito e Justiça, todos pela Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Pós-Doutor em Filosofia do Direito pela *Universitat de Barcelona* (Catalunya), com bolsa da CAPES. Doutor em Filosofia pela Universidade de Coimbra (Portugal). Professor Associado de Filosofia do Direito e disciplinas afins na Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG. Membro do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG. Professor Visitante na *Facultat de Dret de la Universitat de Barcelona* entre 2015 e 2016. Professor Residente no Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares – IEAT/UFMG entre 2017 e 2018. E-mail: vergiliopublius@hotmail.com e andityas@ufmg.br. Mais artigos em: <https://ufmg.academia.edu/AndityasSoares>.

Abstract: The memes, a typical phenomenon of cyberculture, increasingly occupy the virtual spaces of discussion and, with this, have assumed a peculiar relevance in contemporary politics. In view of this new kind of communication, we sought to reflect in this article on what would be the meme's place, particularly the political meme, in Saussure's modern semiology, questioning if it could be understood as a sign. We also seek to reflect on the functioning of this type of communication from the dispositive's perspective, according to the theories of Foucault and Agamben, bringing, whenever possible, examples of political memes disseminated in recent Brazilian political processes. Finally, in the way of conclusion, we return to the question that gives title to this article –memes versus phoné–, indicating the *locus* of articulated voice in the field of political action, and how it becomes problematic in the face of memetic communication.

Keywords: Memes, Semiology, Dispositive, Biopolitics.

1. INTRODUÇÃO

O futuro distópico de uma novilíngua parece estar cada vez mais próximo de nosso tempo. Quando em meados dos anos 40 do século passado George Orwell escreveu o seu *1984*, talvez não pudesse prever que o Grande Irmão nos governaria não estritamente no âmbito de um progressivo empobrecimento do vocabulário, mas sim por meio de discursos amorfos que antagonizam as multiplicidades inerentes à linguagem humana e se propagam massivamente por meio da imagem. O campo da ação política, que em alguns aspectos experimenta hoje rupturas com as formas tradicionais do fazer político –especialmente graças a fenômenos como o nomadismo⁴ e as organizações horizontais que se tornaram possíveis graças ao uso das redes virtuais–, paradoxalmente também parece estar atravessado por dispositivos dessubjetivantes, os quais tendem a esvaziar esse campo ao mesmo passo que o tornam improfanável, ou seja, imune a qualquer ação tendente a negar a separação “sagrada” entre os que mandam e os que obedecem.

A linguagem humana, esse primeiro dispositivo em que, como nos diz Giorgio Agamben, deixamo-nos, talvez inconscientemente, sermos capturados, parece conviver na nossa atual (e assim chamada) “era virtual” com formas de simplificação e de despotencialização mediadas por imagens. Em tal processo, assistimos a uma progressiva prevalência do discurso imagético sobre o discurso falado e escrito em diversas áreas da comunicação, o que não se restringe à seara

⁴ Trata-se de uma prática política baseada no conceito deleuziano de mesmo nome. Para Deleuze, o grupo nômade é um modo de se resistir aos meios da codificação (a lei, o contrato e a instituição). Ele seria uma unidade não administrada, uma “máquina de guerra móvel”, que opera uma desterritorialização nômade por parte daqueles que estão fora, daqueles que se movem na periferia do poder instituído e, assim, conseguem se subtrair das práticas de identificação. Diversamente de um aparato institucional no qual a cada um é assinalada uma função, no grupo nômade todos permanecem e atuam juntos, e com isso são capazes de agir em deriva, sem serem capturados pelas estruturas de poder (Deleuze, Gilles. *Pensée nomade* (colloque “Nietzsche aujourd’hui?”, Centre culturel international de Cerisy-la-Salle, juillet 1972). Disponível em: <<http://lesilencequiparle.unblog.fr/2012/09/17/pensee-nomade-colloque-nietzsche-aujourd'hui-gilles-deleuze/>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

política. Particularmente, a *cyber*-linguagem dos *memes* tem atraído nossa atenção em face da centralidade com a qual vem ocupando os espaços virtuais de discussão, tais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Whatsapp*.

Meme é um termo que advém dos estudos de biologia evolutiva de Richard Dawkins, popularizados em meados dos anos 70. Por trás da construção desse termo está uma analogia entre memória e genética: o *meme* corresponderia para a memória àquilo que o gene corresponde para a genética, ou seja, à sua unidade mínima. Ele seria uma unidade de informação que se multiplica de “cérebro em cérebro” ou entre locais onde a informação é armazenada (como os livros e as atuais redes sociais). O *meme* seria, nesse sentido, uma unidade de evolução cultural, que teria a capacidade de se autopropagar, independentemente da forma em que se materializam e expressam (imagens, imagens e textos, pequenos *gifs* etc.). Enfim, a ideia de *meme* teria sido originariamente concebida como já sendo um *meme* em si, pois caracteriza qualquer coisa que possa ser apreendida facilmente e transmitida como unidade autônoma.⁵

Dawkins procurava definir os *memes* como replicadores de comportamentos e não como meios informacionais, passados de mente em mente (ou ainda, de *smartphone* a *smartphone*), como ocorre hoje com os *memes* de internet. A escolha do termo *meme* para denominar o fenômeno que ocorre na internet partiu de um ponto específico da teoria de Dawkins, que seria a replicação, e com ela, a repetição de determinada informação. Assim, o que se entende por *meme* no discurso da cibercultura pode ser definido como «um fenômeno caracterizado pela rápida difusão de ideias, brincadeiras, jogos, piadas, comportamentos e conceitos entre os usuários da rede, isto é, a circulação viral de informações que se repetem de determinada maneira». Nesse sentido, o uso dos *memes* que observamos na contemporaneidade é muito próximo da analogia da «linguagem como vírus».⁶ Daí a expressão popularmente conhecida para caracterizar um *meme* que fez muito sucesso nas redes: “viralizou”.

A analogia entre *meme* e gene implica que a unidade cultural —o *meme*— possui uma espécie de “vida própria”. Certamente o *meme* depende da atividade humana para ser criado e se replicar, mas o modo com que se replica por meio da cultura põe em jogo o lugar do sujeito em meio a tal processo linguístico-imagético. Nesse sentido, chama-nos atenção no presente trabalho a rápida difusão dessa comunicação memética, possibilitada pela replicação imediata de *posts* e de mensagens, assim como seu rápido desuso, fenômenos que parecem obstaculizar o espaço para a reflexão e a crítica.

Se tal hipótese é verdadeira, estamos diante de uma fratura na constituição do político. Com efeito, tal constatação inseriria o que podemos chamar de produção do “sujeito político” em uma chave negativa, pois o novo sujeito político se criaria no esvaziamento, na fenda que une e ao mesmo tempo separa seu corpo vivente dos dispositivos. Daí advém a tese de nosso trabalho, qual seja, a de que os

⁵ Dawkins, Richard. *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press, 1990. 2ª ed. Ebook v1.0. pp. 171-181.

⁶ Frigo, Renato Georgette. *Política, memes e o facebook no Brasil: em busca da ciberdemocracia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas, 2017, 108 f., p. 22.

memes, antes de funcionarem como meios de subjetivação, operam como dispositivos dessubjetivantes. Nesse sentido, enquanto dispositivos dessubjetivantes, os *memes* políticos realizam a dupla e paradoxal operação de sujeitarem pela dessubjetivação, criando, desse modo, um “des-sujeito” político –ou um problemático sujeito dessubjetivado– que tende a se aproximar cada vez mais dos dispositivos que o conformam, afastando-se assim de sua própria corporeidade. Tal se torna grave ao percebermos que surge assim uma separação entre política e corpo, ou, em termos mais gerais, entre poder e vida.

Partindo desse questionamento inicial, nos propomos no presente trabalho a realizar um exercício filosófico de compreensão dessa nova comunicação memética, perquirindo qual seria o seu lugar na clássica tríade saussuriana significante-significado-signo. Buscamos também refletir acerca do funcionamento desse tipo de comunicação sob o ponto de vista do dispositivo, segundo as ideias de Foucault e Agamben. Por fim, em vias de conclusão, retomamos a questão que dá título ao presente artigo –os *memes* contra a *phoné*–, indicando o lugar da voz articulada no campo da ação política, e como ele se torna problemático diante da comunicação memética. Sempre que possível, ao longo deste trabalho trazemos alguns exemplos de *memes* políticos, especialmente aqueles mais difundidos nos recentes (e tensos) processos políticos brasileiros, tais como o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff em 2016 e as eleições gerais de 2018.

2. SOB O PONTO DE VISTA DA SEMIOLOGIA: O MEME É UM SIGNO?

Em um dos ensaios presentes em *Estâncias*, intitulado *A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da esfinge*, Giorgio Agamben afirma que a ambiguidade do significar tem origem na fratura ontológica da presença, no sentido de que o seu manifestar-se é sempre um esconder-se, e o seu estar presente é sempre um faltar. Em diálogo com a semiologia saussuriana (ciência dos signos) e criticando a pretensão derridiana de sua superação por meio de uma gramatologia (ciência da escritura), Agamben busca pensar a possibilidade de uma semiologia liberada da metafísica da presença, isto é, da junção entre significante e significado (presentes), ambos representados por um signo. Ele pretende ainda desvincular a semiologia da proposta de Derrida, que longe de dar “aquele ‘passo-atrás-além’ da metafísica”, apenas desloca a atenção para a escritura e para o rastro enquanto experiências originais da linguagem.

A destituição dessa estrutura metafísica seria possível, segundo Agamben, apenas se pudessemos verificar que a presença está desde sempre “aprisionada por um significar”, isto é, por um *lógos*, e então fôssemos capazes de voltar nosso olhar para a barreira resistente à significação. Na tradição filosófica ocidental,⁷ no entan-

⁷ Agamben faz referência aqui a uma interpretação da definição aristotélica da linguagem como “som significante”, a qual teria adquirido “valor normativo no decurso do século XIX”, e encontrado na estética de Hegel “a sua cristalização exemplar”. Cf. Agamben, Giorgio. *A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da Esfinge*. In: Agamben, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, pp.215-253, 2007, pp. 219-220.

to, significante, significado e signo são apresentados em uma relação de dependência e, logo, de decorrência, de modo que o significar é visto somente como um processo que conduz a uma destinação final. Como nos diz Agamben:

«[...] a relação mais elevada entre o significado e a forma, e aquela à qual tende em geral todo significar, é aquela na qual a aparência sensível se identifica sem resíduos com o significado, e o significado se resolve integralmente na sua manifestação. A esta perfeita unidade, opõe-se, como algo imperfeito e que deve ser superado, o simbólico, cujo significado está ainda, parcialmente, escondido.»⁸

A metáfora usada por Agamben para contestar tal estrutura de significação é o mito de Édipo e a Esfinge. Diante da Esfinge, Édipo decifra com facilidade o enigma, e com isso mostra “o significado escondido por detrás do enigmático significante”. Assim, o suposto abismo entre significante –forma– e significado demonstraria ser apenas aparente, e Édipo teria com isso realizado uma operação que traduz o que ainda hoje em nossa cultura é o modo por excelência de interpretação do simbólico.⁹

No enigma da Esfinge nos vemos diante de uma tríplice estrutura de linguagem: a Esfinge, que vocaliza o som significante do enigma, mas que incorpora este em si mesma –ela é uma imagem, ou melhor, “o símbolo do simbólico”;¹⁰ o enigma, ou seja, a imagem fonetizada; e a resposta dada por Édipo, que resolve as cisões anteriores expressando-as em um significado, capaz tanto de salvar-lhe a própria vida quanto de condenar ao precipício a Esfinge.

Se Édipo pode ser visto como um signo –o termo médio entre significante e significado, que os unifica e os resolve– a Esfinge, do mesmo modo, pode ser entendida como «juntura insignificável [...] entre a presença e a ausência».¹¹ Uma semiologia sob o ponto de vista da Esfinge seria, nesse sentido, um salto no abismo em que se lança a própria Esfinge, esse *locus* em que a presença configura «apenas uma pura e indivisa estação ao aberto».¹²

Podemos traçar um paralelo entre a estrutura visual dos *memes* e a linguagem em seu sentido mais amplo –cuja primazia estaria na *phoné*¹³– tendo em vista a

⁸ Agamben, Giorgio. A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da Esfinge. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, pp.215-253, 2007, p. 220.

⁹ Agamben, Giorgio. A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da Esfinge. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, pp.215-253, 2007, pp. 221-223.

¹⁰ Agamben, Giorgio. A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da Esfinge. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, pp.215-253, 2007, p. 223.

¹¹ Agamben, Giorgio. A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da Esfinge. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, pp.215-253, 2007, pp. 223-224.

¹² Agamben, Giorgio. A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da Esfinge. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, pp.215-253, 2007, p. 248.

¹³ Isso segundo a interpretação de Derrida, para quem haveria um privilégio da *phoné* em relação à escrita, tanto na metafísica ocidental quanto na semiologia saussuriana. Para Saussure, por sua vez, a língua e a escrita seriam

compreensão do lugar do signo em ambas. O signo é sempre signo de alguma coisa, isto é, aquela representação que, na ausência da “coisa mesma”, toma seu lugar. Por isso ele consiste, como já dito, no termo de resolução de dois presentes: o significante (a forma/imagem acústica) e o significado (o conceito ou a ideia). Assim, o signo pode ser compreendido apenas em relação à prioridade da presença desses presentes (significante e significado), caracterizando-se como um modo de presença das coisas.

A estrutura visual dos *memes*, embora consista em um registro, é diferente tanto da fala quanto da escrita. Isso porque, ainda que os *memes* possam vir acompanhados de alguma inscrição textual –o que, no caso dos *memes* políticos, é bastante frequente–, temos sempre uma imagem que “fala mais do que mil palavras”, a qual dispensa um discurso rigoroso apto a demonstrar linearidades e descontinuidades. Contudo, de modo semelhante à fala ou à escrita, também podemos verificar nos *memes* os polos do significante e do significado, dando-se quase sempre uma espécie de colagem entre ambos. Aqui, portanto, a noção de totalidade, tão cara à metafísica da presença, faz-se visível em um significar que unifica imagem e discurso, significante e significado, forma e conteúdo.

Sendo o significado, nesse caso, sempre imediato e irrefletido, o papel da inteligência humana –fundamental na formação do signo, segundo Saussure¹⁴– fica restrito ao momento da criação do *meme* ou de sua modificação, pois o signo (se é que assim podemos chamar o *meme*) já está dado de antemão pela forma imagética. No mito de Édipo, seria como se o enigma e sua resolução já estivessem sobrepostos, sem necessidade de uma Esfinge para lançá-los, e de um Édipo para conectá-los ao responder à pergunta, conformando, conseqüentemente, algo muito mais terrível do que a remoção edípica do símbolo, isto é: a exclusão do próprio enigma.

Sob o ponto de vista da semiologia saussuriana, se considerássemos o *meme* um signo, ele deveria se inserir em um contexto de compreensão e não simplesmente de transmissão. Isso porque, para Saussure, a língua consiste em um sistema de valores, no qual uma forma não significa, mas vale. Nesse sentido, não existem nesse sistema “significações puras”, e daí mantêm-se a potência dos signos, sempre passíveis de ambigüidade, de plasticidade, de reinterpretações, em que não há coincidência perfeita entre significante e significado, tampouco algo como um significado inequívoco (Saussure, 2002, pp. 28-76). Mas, se nos voltarmos aos *memes*, qual seria a compreensão possível por parte do sujeito diante dessas “unidades replica-

dois sistemas distintos de signos, sendo que a única razão para a existência da escrita seria representar a fala (HERMES, Ana Luiza Fay. Para além do claustro, um pensamento da diferença: Jacques Derrida e a desconstrução da metafísica da presença. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, 2013. p. 226).

¹⁴ Sobre o circuito da fala, Saussure nos diz que “os termos implicados no signo lingüístico [significante e significado] são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro por um vínculo de associação”. Há uma arbitrariedade do signo, pois este se insere em uma língua e, logo, em uma tradição, o que o sujeita à continuidade. Contudo, afirma também o linguista que “a língua, ao contrário [de outras instituições como os costumes e as leis, por exemplo], não está limitada por nada na escolha de seus meios, pois não se concebe o que nos impediria de associar uma idéia qualquer com uma seqüência qualquer de sons” (Saussure, 2006, pp. 85-93). Logo, percebe-se que o conceito de signo mantém um potencial de abertura à significação, podendo ser modificado por meio da inteligência humana e da produção social.

doras” cujo significado já vem dado? Não seria, dessa forma, a replicação imediata a característica elementar do *meme*?

É inegável que o *meme* pode ser usado nas redes sociais como meio de resistência à opressão, voltando-se contra certas políticas, fatos ou valores.¹⁵ No entanto, no campo dos *memes* políticos, especialmente tendo em vista o modo como eles vêm sendo difundidos nos últimos anos no Brasil, o que ocorre é uma “partidarização virtual”, na qual têm ganhado cada vez mais visibilidade e, logo, maior propagação e impacto político, os *memes* políticos conservadores. Pesquisa recente realizada no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA) da UNICAMP demonstra que no período de 2014 a 2016 os atos políticos no Brasil não teriam acontecido se não tivessem sido previamente criados eventos nas redes sociais, que os divulgaram massivamente. Tal estudo, baseado em uma análise dos *memes* políticos compartilhados no *Facebook* no período de 2014 a 2016, conclui que os mecanismos de operação da rede virtual –que promove “uma linha seletiva por divisão de conteúdo”, permitindo ao usuário “ter acesso apenas aquilo que lhe agrada em um primeiro momento”– são responsáveis pelo direcionamento dos discursos políticos em uma linha tendencialmente mais conservadora,¹⁶ o que certamente influenciou no *impeachment* da ex-Presidente e no resultado das eleições gerais de 2018.

Desse modo, longe de proporcionarem uma possível ciberdemocracia brasileira, a comunicação memética no campo da política no país seria prevalentemente persuasiva, marcada por uma “recusa da verdade” na disseminação de conteúdos. Ainda que os *memes* necessitem de pessoas para se propagarem, a velocidade da comunicação na era digital faz com que a cópia do *meme* mantenha-se, geralmente, fiel ao original, ao mesmo tempo em que proporciona uma maior facilidade de propagação e de longevidade dele.¹⁷

Isso –juntamente com a característica do *meme* apresentada nesta sessão, qual seja, a de condensar significante e significado em uma espécie de signo que, embora seja criação humana, acaba por se independentizar, no sentido de que não precisa da inteligência humana para se replicar– faz-nos pensar que, mais do que um signo, tal como pensado tradicionalmente pela semiologia moderna, o *meme* funcione como um dispositivo biopolítico, capaz de criar, manter, direcionar e destruir pensamentos e ações.

¹⁵ Tal como é o caso da experiência descrita por Benjamin Gleason em “*Adolescents becoming feminist on Twitter: new literacies practices, commitments, and identity work*”. Cf. GLEASON, Benjamin. *Adolescents becoming feminist on Twitter: new literacies practices, commitments, and identity work*. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, v. 6, n. 3, pp. 281-289, 2018.

¹⁶ Frigo, Renato Georgette. *Política, memes e o facebook no Brasil: em busca da ciberdemocracia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas, 2017, 108 f., pp. 94-96.

¹⁷ Frigo, Renato Georgette. *Política, memes e o facebook no Brasil: em busca da ciberdemocracia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas, 2017, 108 f., pp. 94-95.

3. SOB O PONTO DE VISTA DA BIOPOLÍTICA: O MEME É UM DISPOSITIVO?

Como já antecipado, a segunda pergunta que nos colocamos neste trabalho busca compreender se o conceito de dispositivo seria uma chave de leitura adequada para os *memes* políticos.

O dispositivo, tal como teorizado por Foucault, seria um ponto de conjunção de elementos heterogêneos: discursos, regulamentos, decisões administrativas, construtos filosóficos e morais, tecnologias, práticas, mecanismos linguísticos e não linguísticos, jurídicos e econômicos.¹⁸ Trata-se de algo que se impõe aos homens, uma positividade que atua nas relações e nos mecanismos de poder com objetivo determinado. Como analisa Sergio Chignola, o dispositivo para Foucault consiste em uma rede que “com toda a sua carga de regras, ritos e instituições” se coloca por meio de um poder externo, mas é interiorizado nos “sistemas das crenças e dos sentimentos”. Contudo, o dispositivo foucaultiano não permite a sujeição absoluta, pois o processo de subjetivação que ele é capaz de operar passa pela própria construção de si do sujeito, o qual permanece sempre livre, ao menos potencialmente, para compreender o que foi, o que é e o que será. Nessa perspectiva:

«Estamos sempre amarrados a dispositivos, mas dentro deles agimos e isso significa que, em cada situação em que nos encontramos, é necessário distinguir o que somos –isto é, aquilo que de fato não somos mais– e o que seremos. [...] A última obra de Foucault –aquela da “trip greco”, como o próprio Foucault chamará com certa ironia– trabalha exatamente sobre essa hipótese. Pensar o sujeito não como autêntico ou como uma interioridade –nestes termos Foucault chega a um acordo com Heidegger–, mas como a linha de chegada de uma tensão constituinte que utiliza uma força e, como na metáfora estoica, olha para o EU como um alvo de um arqueiro, e não como uma base.¹⁹»

Agamben amplia o conceito foucaultiano e chama de *dispositivo* tudo aquilo capaz de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os movimentos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Como diz Agamben, «não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares [...]», todos estes são dispositivos. Até mesmo a linguagem, para o filósofo italiano, seria um dispositivo, talvez o mais antigo deles, no qual em algum momento, há milhares de anos, «um primata –provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam– teve a inconsciência de se deixar captu-

¹⁸ Foucault, Michel. Le jeu de Michel Foucault. In: Foucault, Michel. *Dits et écrits III*. Paris: Gallimard, pp. 298-329, 1994, p. 299.

¹⁹ Chignola, Sandro. Sobre o dispositivo: Foucault, Agamben, Deleuze. *Cadernos IHU Ideias*, n. 214, v. 12, Porto Alegre: Instituto Humanitas Unisinos, 2014, pp. 10-11.

rar».²⁰ Dessa maneira, na particular compreensão de Agamben, o mundo se divide em dois continentes “ontológicos”: o primeiro, dos seres vivos, e o segundo, dos dispositivos, sendo que o sujeito é aquilo que resulta da ação deste sobre aqueles.

Um primeiro ponto de semelhança que podemos apontar entre a noção agambeniana de dispositivo e o modo como operam os *memes* políticos se encontra no fato de que estes recorrentemente buscam impingir determinado ponto de vista. A tipologia memética que estudiosos da comunicação propõem hoje²¹ se baseia na intencionalidade de significação que os *memes* políticos carregam consigo, pois eles podem ser criados com o objetivo de: 1) serem persuasivos, isto é, sua mensagem teria a intenção de angariar apoio a determinada ideia, partido ou candidato;ⁱ 2) evocarem um tema ligado à ação “popular”, ou seja, nesse caso os *memes* buscariam mobilizar o cidadão comum com motes que sugerem uma construção coletiva de sentido (exemplos no Brasil seriam os “Fora PT!”, “Fora Dilma!”, “Fora Temer!”, “Ele não?”);ⁱⁱ ou ainda, 3) funcionarem como gatilhos de discussões públicas, de maneira que são criados para instigar comentários supostamente despropositados dos receptores acerca de uma situação ou reação específica.ⁱⁱⁱ

No entanto, ao acompanharmos os *memes* constantemente difundidos nas redes,²² verificamos que essas tipologias pouco explicam, pois os *memes* políticos normalmente não promovem a discussão e o debate; ao contrário, eles já indicam o significado que querem transmitir em seu contexto comunicacional-imagético. Nesse sentido, a grande maioria dos *memes* políticos, pelo menos aqueles relacionados à política institucionalizada, são desde sempre persuasivos,²³ pois trazem um único horizonte de sentido possível. Assim, o horizonte semântico se restringe à dualidade concordância-discordância, pois o modo de criação e disseminação dos *memes* impede qualquer reflexão que se coloque para além dessa díade: parte dos internautas concordam com o *meme* (que será replicado inúmeras vezes), parte se coloca contrária àquilo que ele diz.

Dessa maneira, se levarmos a sério o que nos diz Agamben acerca dos dispositivos, o *meme* político funciona perfeitamente sob o signo da exceção, característica por excelência de como o Ocidente pensa e estrutura suas formas, sejam elas linguísticas ou filosóficas, políticas ou jurídicas. Na exceção –entendida como lógica binária e exclusivo-inclusiva típica da ontologia ocidental do Ser,²⁴ e não apenas

²⁰ Agamben, Giorgio. O que é um dispositivo? Trad. Nilcéia Valdati. *Outra travessia*. n. 5. Santa Catarina, jun./dez., 2005, p. 6.

²¹ Essa tipologia foi proposta por Limor Shifman em sua pesquisa sobre *memes* políticos relacionados às eleições presidenciais de 2008 nos Estados Unidos e ao movimento Occupy Wall Street em 2011, e seguida por Rodrigo Frigo na pesquisa já citada. Cf. Schifman, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press, 2014.

²² Uma relação de 262 *memes* políticos coletados por Rodrigo Frigo no Facebook no período de 2014 a 2016 pode ser vista em: <<https://memespoliticosdofacebook.wordpress.com/>>. Acesso em 29 dez. 2018.

²³ Para além do fato de boa parte dos *memes* compartilhados nas redes sociais também serem do tipo “persuasivo”. Nesse sentido, dos 262 *memes* analisados por Rodrigo Frigo em sua pesquisa de Mestrado, 151 eram “persuasivos”, 61 de “ação popular” e 50 de “discussão pública” (Frigo, Renato Georgette. *Política, Memes e o Facebook no Brasil: em busca da ciberdemocracia*. 2017. 108 f. Dissertação. Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira/SP. 2017. p. 84).

²⁴ Agamben, Giorgio. *L'uso dei corpi*. Vicenza: Neri Pozza, 2014, p. 334.

como mera técnica de governo, no estilo de Carl Schmitt— ao afirmarmos uma realidade, ou melhor, uma identidade, acabamos por fundá-la sobre seu contrário. A antítese só existe porque existe a tese, assim como os dispositivos só existem em seu embate antinômico com os seres vivos, sendo que o sujeito é o que resta do embate entre os dispositivos e os seres vivos.

De modo semelhante, Roberto Esposito nos diz que a ideia de dispositivo foi antecipada por Heidegger nos anos quarenta, a partir de sua noção de maquinação (*Machenschaft*). A maquinação seria um processo que penetra em nossa experiência e a separa de si mesma, sendo que em ambos —maquinação e dispositivo— «os homens são capturados em uma modalidade que não somente lhes escapa, mas que produz uma divisão de suas vidas em dois âmbitos, um dos quais é submetido ao domínio do outro». ²⁵ Dessa cisão adviria o modo dual com o qual operam os dispositivos, sempre atuando de modo a excluir, ou melhor, esconder certa realidade, a qual é mantida como secreto substrato necessário para a afirmação da identidade oposta, então definida pela negação.

Se refletirmos sobre os movimentos políticos conservadores que vêm se formando no Brasil desde 2014 até as eleições gerais de 2018, podemos perceber que a internet e, em especial, as redes sociais e o aplicativo *Whatsapp*, foram fundamentais tanto para a difusão de uma ideia negativa acerca da esquerda brasileira quanto para que todo conteúdo relacionado à política se tornasse motivo de escárnio. Os *memes* com os temas “lava-jato”, “*impeachment*” e, especialmente, “contra o PT” (com todas as suas variantes: “contra a corrupção”, “contra o comunismo”, “o Brasil não é Venezuela”...) ^{iv} se transformaram nos últimos anos em verdadeiros mantras imagéticos quotidianos. Logo, pela negação dessa realidade e de todas as políticas, ideias e práticas a ela atreladas (inclusive aquelas positivas para grande parte da população brasileira), vimos pouco a pouco se afirmarem no meio virtual, com cada vez mais virulência e sem grandes eufemismos, posturas violentas, racistas, xenófobas, machistas, pró-capital, homofóbicas, entre outras, sem qualquer compromisso com a veracidade das informações e com a segurança das fontes. ^v Chegamos em 2018, ano das eleições gerais, quando a campanha presidencial foi marcada por um escandaloso mecanismo de difusão de *fake news* ²⁶ —realizado em grande parte também por meio de *memes*— sem o qual provavelmente o presidente eleito não teria sequer vencido o primeiro turno. ²⁷

²⁵ Esposito, Roberto. *Due: la macchina della teologia politica e il posto del pensiero*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 2013 [Kindle Edition], p. 4.

²⁶ Em declaração do filho de Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, durante o período eleitoral, este afirmou que contava com o apoio de Steve Bannon —estrategista político de Donald Trump e apoiador de políticos de extrema direita em todo o mundo— para a campanha do pai, especialmente para “somarem forças contra o marxismo cultural” (Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1025718449425788929>>. Acesso em 29 dez. 2018).

²⁷ “Estudo da organização Avaaz apontou que 98.21% dos eleitores do presidente eleito, Jair Bolsonaro (PSL), foram expostos a uma ou mais notícias falsas durante a eleição, e 89.77% acreditaram que os fatos eram verdadeiros”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>> e <<https://www.valor.com.br/politica/5965577/estudo-diz-que-90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

É claro que ao lado dos *memes* políticos conservadores apareceram também os *memes* contrários àquelas pautas. Mas estes, diversamente, não atingiram o mesmo grau de difusão. Em vez disso, operaram muitas vezes reativando as reações do polo oposto, em um típico movimento da máquina da exceção.

Outra questão, que permeia a lógica de difusão dos *memes* políticos, diz respeito aos processos de subjetivação e dessubjetivação nela envolvidos. Podemos dizer que os *memes*, mais do que mecanismos de produção de subjetividades, operam como dispositivos dessubjetivantes. Isso porque não estamos diante de uma tecnologia de subjetivação que conforma sujeitos relativamente autônomos capazes de, em um certo ponto, problematizar suas escolhas, seus comportamentos e seus compartilhamentos. Na dessubjetivação efetiva-se uma espécie de colagem entre dispositivo e ser vivente, algo parecido com o que se dá também em outros meios tecnológicos relacionados à internet.²⁸ Nesse contexto de verdadeira tecnopia, característico da “modernidade tecnocrática”,²⁹ os *memes* políticos aproximam-se, uma vez mais, da teoria agambeniana dos dispositivos, pois, como nos diz o autor:

«[...] eles não agem mais tanto pela produção de um sujeito, quanto pelos processos que podemos chamar de dessubjetivação. Um momento dessubjetivante estava certamente implícito em todo processo de subjetivação [...]; mas o que acontece nesse momento é que os processos de subjetivação e os processos de dessubjetivação parecem reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito se não em forma larvar e, por assim dizer, espectral. Na não-verdade do sujeito não há mais de modo algum a sua verdade. [...] As sociedades contemporâneas se apresentam assim como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real. Daqui o eclipse da política que pressupunha sujeitos e identidades reais (o movimento operário, a burguesia etc), e o triunfo da *oikonomia*, ou seja, de uma pura atividade de governo que não visa outra coisa que não a própria reprodução.³⁰»

Desse modo, se ainda hoje é válido pensar em termos da constituição de sujeitos políticos, o que vemos nesse movimento de mediatização memética é um assujeitamento pela dessubjetivação, ou ainda, a formação de um “des-sujeito”. Logo, se Agamben tem razão e o sujeito é aquilo que resulta do embate entre dispositivos e seres viventes,³¹ e se acertamos ao afirmarmos que o *meme* é um dispositivo que opera conduzindo a uma única via de pensamento (já que a negação não é mais que, pela via inversa, afirmação), estamos aqui diante de uma outra sobreposição: o sujeito político tende a coincidir sem resíduos com a comunicação memética

²⁸ Outro exemplo de dispositivo que opera pela dessubjetivação seria o *Netflix*, conforme demonstrado por Andityas Matos em: Matos, Andityas Soares de Moura Costa. Streaming subjectivation: two questions and one thesis about Netflix. *Philosophy Kitchen: Rivista di Filosofia Contemporanea*, Torino, v. 5, n. 9, 2018, pp. 87-98.

²⁹ Matos, Andityas Soares de Moura Costa. Streaming subjectivation: two questions and one thesis about Netflix. *Philosophy Kitchen: Rivista di Filosofia Contemporanea*, Torino, v. 5, n. 9, 2018, pp. 87-98, p. 90.

³⁰ Agamben, Giorgio. O que é um dispositivo? Trad. Nilcéia Valdati. *Outra travessia*. n. 5. Santa Catarina, jun./dez., 2005, p. 15.

³¹ Agamben, Giorgio. O que é um dispositivo? Trad. Nilcéia Valdati. *Outra travessia*. n. 5. Santa Catarina, jun./dez., 2005, p. 13.

ca, a qual o (des)constitui pela dessubjetivação. Nesse sentido, o “sujeito” político distópico é *meme* de si mesmo: uma imagem apagada totalmente dependente de um sentido pré-construído, em um processo do qual o “des-sujeito” só participa na qualidade de mudo receptor e inconsequente distribuidor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS MEMES CONTRA A PHONÉ

Agamben afirma que a infância do ser humano é exatamente a sua não identificação com o sujeito ou com a linguagem, dado que «[...] o homem pode revelar o existente através da linguagem, mas não pode revelar a linguagem em si mesma».³² O ser humano pode «constituir-se como sujeito e apropriar-se da linguagem” e, só assim, “abre-se para ele a possibilidade da história».³³ Esse lugar de ingresso na história é a voz –a *phoné*–, campo em que a abertura do ser no tempo faz-se possível pelo caráter autopressupponente –e por isso “democrático” e potencial, político e aberto, em uma palavra: esfíngico– de todo ato de fala.

O ser humano, desse modo, não vê a linguagem, mas a apreende ao lançar-se em seu próprio processo de antropogênese, por meio da *phoné*. Porém, quando o sujeito político dos novos tempos vê a linguagem (no caso da “linguagem” visual), mas dela não pode usar (no sentido de um *uso* constitutivo do ser, que não se confunde com a simples apropriação), já que ela se dá em uma esfera na qual o sentido já vem dado, vem à tona com toda força a separação consumada entre o campo da ação política e os “des-sujeitos” meméticos.

Nesse sentido, embora exista um potencial libertário nos novos meios de comunicação possibilitados pela internet, é preciso reconhecer também que dispositivos de comunicação como os *memes* promovem a separação e o esvaziamento desse campo. Na medida em que criam a ilusão de aproximar os sujeitos dos debates políticos, acabam por promover um contínuo afastamento desses mesmos sujeitos da arena política, na qual o debate sempre se deu através da *phoné* e do *lógos*. Há uma espécie de universo virtual (paralelo) que não se comunica com a esfera da ação política, pois esta é sempre conflituosa e não permite que filtros como as bolhas de *Facebook* ou grupos de preferências e afetos de *Whatsapp* determinem o que será recebido e o que será replicado.

A imagem em si, como significante, não produz abertura às múltiplas potencialidades de significados. Em vez disso, se a forma se iguala ao significado, ela se torna o alfa e o ômega de toda significação. Ela gera em sua imediatez um único sentido existencial, que aproxima ao mesmo tempo em que separa os seres humanos das vivências do mundo contemporâneo, em especial daquelas políticas, que exigem, no mínimo, a reflexão e a crítica, características do embate polêmico de ideias com que se constroem projetos coletivos de vida.

³² Agamben, Giorgio. L'idea del linguaggio. In: Agamben, Giorgio. *La potenza del pensiero: saggi e conferenze*. Vicenza: Neri Pozza, 2005. p. 26.

³³ Castro, Edgardo. Introdução a Giorgio Agamben: uma arqueologia da potência. Trad. Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21.

Diante disso, pensar uma profanação possível talvez exija uma busca de modos de usar e de jogar com as imagens que possam liberá-las de seu destino de significação. Jogar com as imagens e jogar com a política, de forma semelhante a um gato que brinca com um novelo de lã e uma criança com moedas,³⁴ pode dar lugar, nesse sentido, a gestos que desativam a máquina da exceção. Desvinculados de qualquer teleologia, esses gestos seriam capazes de destituir a separação hoje imperante na comunicação memética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, G. (2007). “A imagem perversa: a semiologia do ponto de vista da Esfinge”. In: G. Agamben, *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG.
- “Elogio dela profanazione”. In: G. Agamben, *Profanações*. Roma: Nottetempo, pp. 109-120, 2015.
- (2010). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG.
- (2005). “L’idea del linguaggio”. In: G. Agamben, *La potenza del pensiero: saggi e conferenze*. Vicenza: Neri Pozza.
- (2014). *L’uso dei corpi*. Vicenza: Neri Pozza.
- (2005). “O que é um dispositivo?” Trad. Nilcéia Valdati. *Outra travessia*. n. 5. Santa Catarina, jun./dez.
- Aristóteles. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. In: Aristóteles. *Tópicos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, pp. 443-471.
- Castro, E. (2012). *Introdução a Giorgio Agamben: uma arqueologia da potência*. Trad. Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica.
- Chignola, S. (2014). Sobre o dispositivo: Foucault, Agamben, Deleuze. *Cadernos IHU Ideias*, v. 12, n. 214, Porto Alegre: Instituto Humanitas Unisinos.
- Dawkins, R. *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press, 1990. 2. ed. Ebook v1.0.
- Deleuze, G. *Pensée nomade* (colloque “Nietzsche aujourd’hui?”, Centre culturel international de Cerisy-la-Salle, juillet 1972). Disponível em: <<http://lesilencequiparle.unblog.fr/2012/09/17/pensee-nomade-colloque-nietzsche-aujourd'hui-gilles-deleuze/>>. Acesso em: 04 jan. 2019.
- Esposito, R. (2013). *Due: la macchina della teologia politica e il posto del pensiero*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi.
- Foucault, M. (1994). Le jeu de Michel Foucault. In: M. Foucault, *Dits et écrits III*. Paris: Gallimard, pp. 298-329.
- Friço, R. G. (2017). Política, memes e o facebook no Brasil: em busca da ciberdemocracia. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas, 108 f.

³⁴ Agamben, Giorgio. Elogio dela profanazione. In: Agamben, Giorgio. *Profanações*. Roma: Nottetempo, pp. 109-120, 2015, p. 116.

- Frigo, R. Memes políticos do Facebook. Disponível em:
<<https://memespoliticosdofacebook.wordpress.com/>>. Acesso em 29 dez. 2018.
- Gleason, B. (2018). Adolescents becoming feminist on Twitter: new literacies practices, commitments, and identity work. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, New York, v. 6, n. 3, pp. 281-289.
- Heráclito. *Fragmentos (Sobre a natureza)*. Trad. José Cavalcante de Souza. In: SOUZA, José Cavalcante de. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, pp. 87-101, 1978.
- Hermes, A. L. (2013). Para além do claustro, um pensamento da diferença: Jacques Derrida e a desconstrução da metafísica da presença. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, pp. 224-244.
- Matos, A. (2018). Streaming subjectivation: two questions and one thesis about Netflix. *Philosophy Kitchen: Rivista di Filosofia Contemporanea*, Torino, v. 5, n. 9, pp. 87-98.
- Orwell, G. (2005). *1984*. Trad. Wilson Velloso. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Schfman, L. (2014). *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press.

i 1) Exemplos de *memes* persuasivos:



ii Exemplos de *memes* de ação popular:



ⁱⁱⁱ Exemplos de *memes* de discussão pública:



iv Memes com os temas “lava-jato”, “impeachment” e “contra o PT”





GOVERNO BRINCA COM O PERIGO! BRASIL NÃO É VENEZUELA

BRASIL Sociedade

MST e Venezuela assinam acordos para fortalecimento do socialismo bolivariano no Brasil

Babá do filho do ministro segue presa em Guarulhos por porte ilegal de arma. Trazia também manual explanando estratégias bolivarianas inspiradas no PCC

MINISTRO VENEZUELANO VEIO AO BRASIL ARMADO "PARA FORTALECER O QUE É FUNDAMENTAL EM UMA REVOLUÇÃO SOCIALISTA"

YAHOO! NOTÍCIAS
BLOG DO CLAUDIO TOGNOLLI

Exclusivo: ministro venezuelano que veio armado ao Brasil "importa" jovens para aulas de "revolução"

GLOBO

Governo venezuelano assina convênio com o MST

Documento foi assinado por Elias Jaua para fortalecer o que é fundamental em uma revolução socialista

FORO-GLOBO



Verdade Real

O Estado-Babá do PT é assim:
<https://www.facebook.com/pages/FORA-PT/140140766087925>

Bolsa-família	Bolsa-detento	Bolsa-crack	Bolsa-Cuba
Bolsa-empresário	Bolsa-celebridade	Bolsa-África	

Tira à força o dinheiro do “contribuinte”;
desvia uma parte desse recurso público;
e usa a outra para **comprar** segmentos da
sociedade, transformando-os numa legião de
parasitas beneficiários desse **sistema populista**

Repartir dinheiro alheio é fácil...
Via FORA PT





▼ Memes violentos

📧 📧 📧 📧 📧 📶 📶 📶 📶 📶 79% 🔋 16:03 📧 📧 📧 📧 📶 📶 📶 📶 📶 77% 🔋 16:29

🔒 <https://mobile.twitter.com/jair> 21

← Tweet

← Tweet



Jair M. Bolsonaro ✓
@jairbolsonaro

Essa num concurso de bunda entrou com a cara e perdeu.

[Translate Tweet](#)



12:47 AM · Jul 10, 2017 · Twitter for iPhone

3.9K Retweets 16.1K Likes



